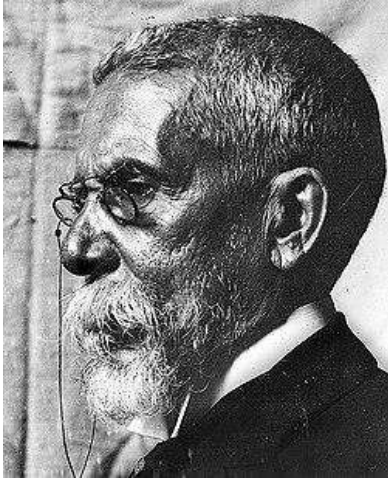


DUAS DE LETRA
GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Junho 2020

GUIA DE LEITURA

Memórias Póstumas de Brás Cubas – Machado de Assis

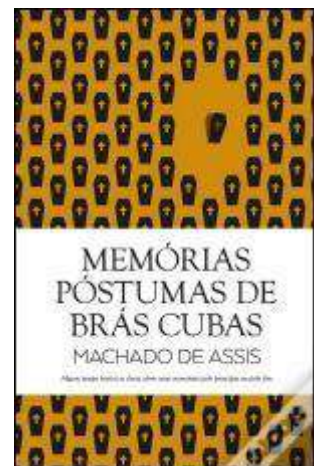


MACHADO DE ASSIS

Biografia: Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839 — Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1908) foi um escritor brasileiro, considerado por muitos críticos, estudiosos, escritores e leitores um dos maiores, senão o maior nome da literatura do Brasil. Escreveu em praticamente todos os gêneros literários, sendo poeta, romancista, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista e crítico literário. Testemunhou a abolição da escravatura e a mudança política no país quando a República substituiu o Império, além das mais diversas reviravoltas pelo mundo em finais do século XIX e início do XX, tendo sido grande comentador e relator dos eventos político-sociais da sua época. Nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, mestiço, de uma família pobre, mal estudou em escolas públicas e nunca frequentou universidade. Os biógrafos notam que, interessado pela boémia e pela corte, lutou para subir socialmente abastecendo-se de superioridade intelectual e da cultura da capital. Para isso, assumiu diversos cargos públicos, passando pelo Ministério da Agricultura, do Comércio e das Obras Públicas, e conseguindo precoce notoriedade em jornais onde publicou suas primeiras poesias e crônicas. Na maturidade, reunido com colegas próximos, fundou e foi o primeiro presidente unânime da Academia Brasileira de Letras. A sua extensa obra constitui-se de dez romances, duzentos contos, dez peças teatrais, cinco coletâneas de poemas e sonetos, e mais de seiscentas crônicas. Machado de Assis é considerado o introdutor do Realismo no Brasil, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Hoje em dia, pela sua inovação literária e audácia em temas sociais e precoces, é frequentemente visto como o escritor brasileiro de produção sem precedentes, de modo que, recentemente, o seu nome e a sua obra têm alcançado diversos críticos e influenciado estudiosos e admiradores do mundo inteiro. Machado de Assis é considerado um dos grandes gênios da história da literatura, ao lado de autores como Dante, Shakespeare e Camões e, a par com Eça de Queiroz, é considerado dos maiores escritores em Língua portuguesa do século XIX.

Sinopse de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Publicado em 1881, "*Memórias Póstumas de Brás Cubas*" é considerada uma das obras mais inovadoras da literatura brasileira e o romance mais marcante da vasta obra de Machado de Assis. Narrado na primeira pessoa por um «defunto autor» e dedicado «ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver», este livro retrata a escravidão, a doença, o amor e a estratificação social através de um improvável e irônico enredo, e marca o início do Realismo no Brasil. Este livro é uma festa da língua, revolucionário, destroçando todas as convenções literárias do seu tempo. O leitor é maltratado, há capítulos em branco, outros sem utilidade. Brás Cubas, o improvável herói desta história, não fez nada de especial. Apaixonou-se por uma mulher casada, falhou uma carreira política, nunca teve filhos. Depois morreu, e então escreveu as suas memórias.



Redescoberto, Machado de Assis é exaltado por revista americana

Autor de 'Memórias Póstumas de Brás Cubas' ganhou nova tradução nos EUA — e livro esgotou nas lojas online

Por Tamara Nassif - Atualizado em 4 Jun 2020 / Deutsche Welle



Há quem diga que Machado de Assis é o maior e melhor escritor brasileiro – uma opinião que tomou a crítica de solo estrangeiro esta semana. A prestigiosa revista americana *The New Yorker* publicou um acalorado artigo ao criador do “defunto autor”, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra que ganhou uma nova tradução nos Estados Unidos e tem o texto da publicação como prefácio. De autoria de Dave Eggers, escritor de *O Círculo*, livro que inspirou o filme homônimo de 2017, o artigo descasca elogios já nas primeiras linhas: “Sagacidade transita entre séculos e hemisférios. Não empoeira e, quando feita do jeito certo, não envelhece. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Joaquim Maria Machado de Assis, é exemplo disso. Há muito esquecido, é um dos livros mais sagazes, lúdicos e, dessa forma, mais vivos e atemporais já escritos.” Também ganha destaque o estilo narrativo de Brás, que, na posição de privilégio que a morte o concedeu, ora desdenha da sociedade, ora desdenha do próprio leitor, e o brilhantismo machadiano de refletir sobre o Brasil de 1881, agora mais atual do que nunca.

Eggers também salienta alguns capítulos da obra e os descreve de forma até apaixonada, bem como o romance adúltero de Brás Cubas com Virgília e a metalinguística do texto. Ele chega a destacar o trecho em que o defunto autor começa a se arrepender de escrever o livro, e o descreve como “breve, brilhante e ainda mais abrilhantado pela infinita metalinguagem e falta de confiança em si próprio”.

“É uma obra-prima cintilante e um deleite absoluto de se ler, mas, por nenhuma boa razão, quase não foi lido por falantes da língua inglesa neste século”, escreve. É nessa toada que o artigo intitulado “Redescobrimo um dos mais sagazes livros já escritos” dá o ponta-pé inicial para a

redescoberta de Machado na gringa e pode inclusive ter sido responsável por impulsionar as vendas da nova tradução de Memórias Póstumas, da americana e brasilianista Flora Thomson-Deveaux e assinada pela editora Penguin. O sucesso foi tanto que quem procura comprar a versão em brochura na Amazon recebe a negativa “temporariamente sem estoque” – o mesmo acontece na livraria Barnes & Noble, a maior varejista do ramo nos Estados Unidos.

Na soma de artigos elogiosos e tradução tão rapidamente esgotada, também está a adoração por Machado por parte de grandes nomes, como Woody Allen, Phillip Roth e Susan Sontag – esta última o descreveu como melhor autor da América Latina e escreveu o prefácio da primeira tradução do livro para inglês, na década 1950. Também não poupam elogios Allen Ginsberg, poeta que o comparou a Kafka. Stefan Zweig, escritor que inspirou o filme O Grande Hotel Budapeste, e Harold Bloom, crítico literário que o considerava o maior escritor negro de todos os tempos e o comparava a Laurence Sterne.

Com tanta repercussão, o romance está como o mais vendido da categoria Literatura da América Latina e do Caribe, na loja online da Amazon, e integra uma série de novas traduções de obras machadianas nos Estados Unidos. Há de se esperar que em breve americanos entrarão no debate para falar se Capitu traiu ou não Bentinho, do livro Dom Casmurro.

"As pessoas precisam estar prontas para Machado", diz tradutora

17.06.2020 / VEJA

Autoria Larissa Linder, Hyury Potter

Após adaptar "Memórias Póstumas de Brás Cubas" para o inglês, tradutora define autor brasileiro como incomparável. Para ela, Machado "brincou de maneira genial e absolutamente perversa com a sociedade em que vivia".



Flora Thomson-DeVeaux dedicou cinco anos de trabalho à tradução de "Memórias Póstumas de Brás Cubas"

O selo Penguin Classics lançou nos Estados Unidos, no dia 2 de junho, a nova tradução para o inglês do clássico de Machado de Assis *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Intitulado *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, o livro, na versão em papel, se esgotou no mesmo dia. A editora não divulga a tiragem. De toda forma, parece um feito surpreendente para um mercado no qual apenas 3% das publicações são traduzidas de outros idiomas.

Foi uma surpresa também para a tradutora americana Flora Thomson-DeVeaux, que dedicou nada menos que cinco anos de trabalho à empreitada. Em entrevista à DW Brasil, ela afirma que ainda não sabe dizer se este é mais um "momento Machado", que toda geração vive quando redescobre a obra do autor no mundo anglófono, como

já disse a crítica americana Susan Sontag, admiradora confessa do "bruxo do Cosme Velho".

Publicado pela primeira vez em livro em 1881, *Memórias Póstumas* é narrado em primeira pessoa por um morto, que reconta sua história de vida, e perpassa temas ainda caros à sociedade brasileira, como raça e classe social. Machado, aliás, negro e neto de escravos alforriados, passou por um processo de branqueamento ao longo da história. Essa parte de sua identidade, segundo Thomson-DeVeaux, aparece de forma velada na obra que ela traduziu.

"Quando eu leio o capítulo em que Brás mata sem pensar uma borboleta preta, porque ele fica chateado com a borboleta preta, e depois pergunta 'Por que ela não nasceu azul?', não consigo não ler em uma chave que tem a ver com uma experiência vivida num país onde o valor de uma vida preta estava claramente colocado e era muito baixo", diz Thomson-DeVeaux,

Do Rio de Janeiro, onde vive desde 2017, a tradutora e escritora falou com a DW Brasil sobre seu processo de trabalho no livro e como a obra machadiana permanece atual e incomparável e que não se pode "tentar botá-lo numa caixinha certa, com a fitinha certa, para as pessoas finalmente o abraçarem". "Não, elas é que têm que estar prontas para ele", diz.

DW Brasil: Como começou a sua relação com o Brasil e com a língua portuguesa?

Flora Thomson-DeVeaux: Começou no primeiro ano na Universidade de Princeton, eu não tenho relação familiar no Brasil, sou norte-americana. Eu entrei na faculdade falando espanhol, que aprendi no ensino médio. Em um evento de apresentação do departamento aos alunos, eles nos aconselharam a estudar português, além do espanhol. Então foi assim, começou como curiosidade puramente linguística. Eu apanhei muito no primeiro semestre estudando a língua, era muito mais difícil do que eu imaginava. Mas no segundo semestre eu comecei a criar uma relação com o Brasil além da língua.

Sobre a tradução de *Memórias Póstumas*, quanto tempo levou o processo de tradução e como você definiu seu método?

Antes de sentar e falar "estou traduzindo", teve quase dois anos de pesquisa para o doutorado. Vim morar no Rio de Janeiro no começo de 2017, e foi nessa fase que comecei o processo de tradução, quando eu alternava com a pesquisa sobre as traduções anteriores. Cheguei a entrar em contato com o genro do primeiro tradutor [de *Memórias Póstumas* para o inglês], William Grossman, fui até a Califórnia para resgatar materiais do processo dele de tradução. Também consultei o acervo do tradutor machadiano Gregory Rabassa, na Universidade de Boston. Então eu fui meio

que conjugando essa pesquisa continuada com a tradução. Defendi a tese no final de 2018, e nessa época o processo com a editora já estava em curso. No total foram cinco anos de trabalho, o que é um luxo, porque todo tradutor literário sonha com tanto tempo de pesquisa.

Muitos tradutores comentam que é um desafio transpor uma cultura de uma língua para outra. Na teoria da tradução há textos de Goethe citando que é preciso manter ao máximo "o ritmo e até o ar entre as palavras". Existe um segredo para traduzir a "pena da galhofa" de Machado para o inglês?

A parte cultural é a parte grande e histórica. É peculiar achar que, se um leitor brasileiro precisa de anotações sobre a questão temporal e histórica, um leitor de língua inglesa não vá precisar. Há uma ideia de que as notas são a derrota do tradutor, porque você não conseguiu encaixar algo. Mas não tem como você enfiar todo o contexto, vai virar outra coisa. O Machado estava escrevendo em um determinado momento histórico, em um lugar, para um determinado público. Acho que a gente só tem a ganhar com essa contextualização.

A minha concessão para manter a integridade do texto era colocar notas no fim do livro, e não de rodapé. Tendo sido aprendiz de tipógrafo, o Machado era muito consciente do livro como objeto físico, ele falava das margens, das edições e da encadernação. *Memórias Póstumas* não é um livro que se pensa com nota de rodapé, isso foi muito importante para mim.

Sobre manter o ar entre as palavras, que o Goethe escreveu, acho que entra aí uma questão temporal também. O Machado tem umas frases bem longas nas quais o ponto e vírgula é essa respiração. Você não tem a ênfase abrupta de um ponto final, é como se as frases flutuassem. Aí o segredo é manter. O bacana de olhar outras traduções é porque só ao estranhar a ausência de alguma coisa é que entendemos a importância dela. É muito difícil você captar tudo isso só a partir do texto na língua original ou apenas lendo uma tradução.

Qual o limite entre manter a estrutura e ser fiel ao autor ou ser mais claro na nova língua, para facilitar a compreensão do leitor estrangeiro?

Eu nunca tive a pretensão de fazer o Machado soar como autor do século 21. Enquanto eu traduzia, li autores de língua inglesa do século 19. Uma das coisas geniais de *Memórias Póstumas* é que há uma modernidade surpreendente, mas dentro da linguagem do século 19. Se você tira esse estilo, essa sintaxe, ele deixa de parecer tão surpreendente, tão moderno. O comprimento das frases na literatura foi caindo com o tempo, então manter essas frases longas é uma marca d'água de origem.

O escritor chileno Jorge Edwards relatou certa vez que o poeta Allen Ginsberg tinha Machado de Assis como um "Kafka dos beatniks". Com qual autor da literatura mundial o brasileiro poderia ser comparado, na sua opinião?

Eu acho engraçado que as pessoas acabam mobilizando referências muito diferentes para comparar o Machado, e é porque nenhuma se encaixa. Não há comparações, o Machado da literatura universal é o Machado. Na primeira tradução, nos anos 1950, falou-se muito em Laurence Sterne, que era uma referência para o Machado. O romance *A Vida e as Opiniões do Cavaleiro Tristram Shandy*, que é do século anterior ao *Memórias Póstumas*, é uma obra-prima, é muito inventivo, mas se você conhece o contexto histórico e cultural, você percebe que o Machado pega emprestado algumas coisas dessa inventividade formal do Sterne e de outras referências anteriores para brincar de uma maneira genial e absolutamente perversa com a sociedade em que ele vivia.

Em um texto publicado em 2018 na revista *Piauí*, você conta a descoberta, por meio de *Memórias Póstumas*, do "calabouço", um local onde o Estado castigava os escravos mediante pagamento dos proprietários. O que mais descobriu sobre o Brasil lendo Machado?

Essa foi a descoberta que mais me perturbou, tanto que acabei me sentindo até impelida a escrever aquele ensaio. As minhas notas no final do livro são as minhas descobertas, e acho que são mais de 150. O que achei particularmente importante, além da busca linguística dos dicionários do século 19, foi recorrer a eles e não encontrar a palavra que eu estava procurando, porque não existia em dicionário, mas havia ali um anacronismo muito sutil. Eu pensei muito sobre como traduzir referências aos negros no romance. Acabei seguindo esse mesmo caminho e usando *negros* com "n" minúscula porque a exigência por "n" maiúscula foi posterior, do começo do século 20. Algo parecido acontece hoje, com *Black* escrito com "b" maiúscula, pois ajuda a desnaturalizar essa designação, ajuda a não normalizar como categoria. Mas o Machado, enquanto autor não branco, está escrevendo dentro de um contexto, criando personagens de pessoas negras que concebem no mesmo nível que a prataria da casa. Seguindo esse caminho é que a gente sente o impacto do que ele estava fazendo.

Para quem fez o ensino secundário no Brasil, era comum ter a imagem de um Machado de Assis branco, por causa dos retratos que apareciam nos livros. Houve nitidamente um

"branqueamento" do escritor. Para você, essa relação do Machado com a sua cor influenciou a obra dele?

Eu realmente não consigo entrar na questão da experiência vivida de raça do Machado, porque acho que é algo irrecuperável. O que dá pra ver são algumas coisas. Tem um estudo do [historiador] Sidney Chalhoub, "Machado de Assis, historiador", que mostra como o Machado no Ministério da Agricultura estava responsável pelo cumprimento da Lei do Ventre Livre e como ele lutou sistematicamente para que escravos que estivessem contestando isso tivessem uma decisão favorável à liberdade. Há um registro historiográfico forte sobre esse tema. Tem uma coletânea bastante contundente do Eduardo de Assis Duarte, que se chama "Machado de Assis: Afrodescendente", que é de textos do Machado que abordam essa questão. Mas, quando eu leio o capítulo em que o Brás mata sem pensar uma borboleta preta, porque ele fica chateado com a borboleta preta, e depois pergunta "Por que ela não nasceu azul?", obviamente é uma cena que pode ser lida em várias chaves, mas eu não consigo não ler em uma chave que tem a ver com uma experiência vivida num país onde o valor de uma vida preta estava claramente colocado e era muito baixo.

A edição em brochura de *Memórias Póstumas* que você traduziu se esgotou bem rápido. Você esperava essa vendagem?

Eu estou muito feliz que pessoas além da minha banca estão lendo uma parte da minha tese. Claro que esperança a gente sempre tem, mas eu sou botafoguense, e as minhas esperanças são moderadas. Foi uma bela surpresa.

Na introdução da edição que você traduziu consta que Machado ainda precisa encontrar seu lugar no mundo anglófono, embora toda geração tenha seu "momento Machado". Susan Sontag escreveu um artigo em 1990 falando que, ainda mais notável que a ausência de Machado na literatura mundial, é o fato de ele ser muito pouco conhecido e lido na América Latina fora do Brasil. Por quê?

Eu acho que o atraso nunca ajuda, e aí tem o fato de que a editora do Machado em vida não facilitou que a obra dele fosse traduzida. Teve até um caso que dá uma dor no coração, de uma mulher que queria traduzir um livro dele para o alemão, ela escreveu para o Machado, o Machado escreve para a editora, e a editora falou: "Se ela quer traduzir, ela que nos pague." E aí houve uma falta de visão da Garnier, para dizer o mínimo. Teve poucas traduções em vida do Machado, então, quando ele chega [a outro país, em outro idioma], chega deslocado no tempo. Isso certamente não ajuda, pois ele

chega mais como curiosidade do que como contemporâneo. E aí a gente só pode especular como poderia ter sido.

Agora a gente sempre olha para a obra e pergunta: "O que o Machado tem que não encaixa na literatura universal? Será que é brasileiro demais? Brasileiro de menos?" Mas tem uma parte importante que é o público receptor, que tem que estar pronto para receber aquela obra, e isso tem tudo a ver com o contexto daquela sociedade. O mercado norte-americano é notoriamente fechado para qualquer coisa que não seja escrita na língua inglesa, tem essa cifra terrível, que apenas 3% do total de publicações do mercado norte-americano são de obras traduzidas. Então, a gente só pode esperar que este seja um momento em que as pessoas estejam mais prontas para o Machado de Assis, em vez de tentar botá-lo numa caixinha certa, com a fitinha certa, para as pessoas finalmente o abraçarem. Não, elas é que têm que estar prontas para ele.

A Deutsche Welle é a emissora internacional da Alemanha e produz jornalismo independente em 30 idiomas.

GRANDES NOMES DA LITERATURA BRASILEIRA

Mestre do realismo

Vindo de família simples, Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 1839. Começou a carreira literária colaborando com jornais e revistas. Sua obra inclui os clássicos "Memórias Póstumas de Brás Cubas" e "Dom Casmurro", romances marcados pelo realismo. Machado de Assis foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) e é considerado o maior escritor brasileiro.



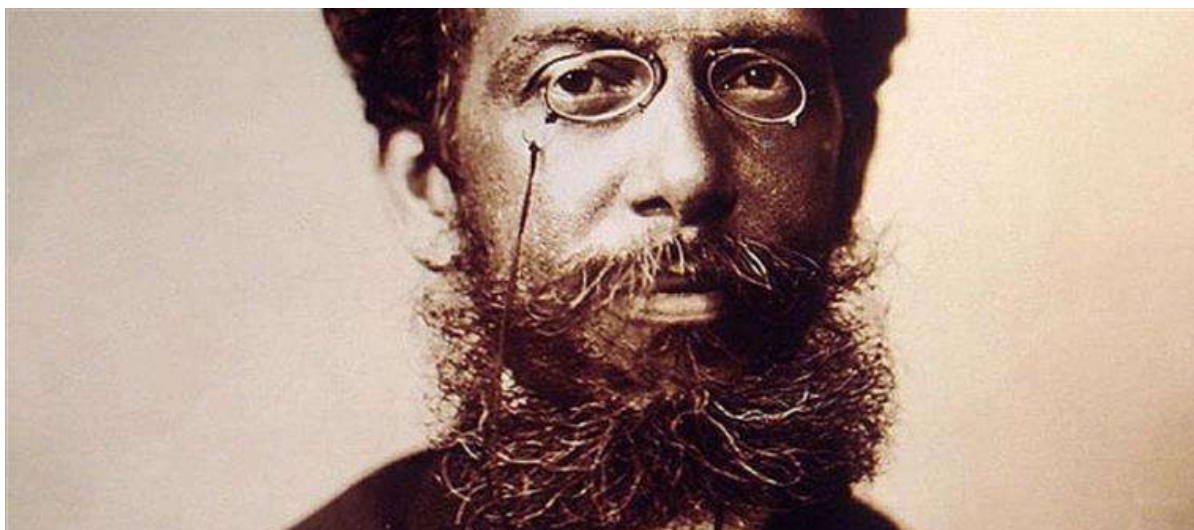
"Memórias Póstumas de Brás Cubas" com selo da Penguin Classics esgota num só dia

Jornal SOL / 5 de junho 2020

Diogo Vaz Pinto

diogo.pinto@newsplex.pt

Uma nova tradução da obra-prima de Machado de Assis, assinada por Flora Thomson-DeVeaux, e com prefácio de Dave Eggers, esgotou no dia em que foi posta à venda nos EUA, relançando os dados para a projecção deste gigante que vê ainda a orquestra da morte dando voltas à sua campã, enquanto nela cresce a árvore que mais se enche das cores da última flor do Lácio.



Conta-me um livreiro, desses que, por natureza e tacto, talvez do longo convívio com os livros, aprendeu o discreto galanteio de relatar as suas estórias como se um morto estivesse ao comando da narração, e assim a vida já não pudesse maçá-lo muito, falando com a pachorra de um homem já desafrentado deste ambiente caótico e burlesco da vida, ainda mais em tempos de pandemia, conta-me que por estes dias a livraria está praticamente deserta, mas que o trabalho não diminuiu. Antes pelo contrário. Diz que se esfalfa agora a responder às apressadas solicitações que lhe chegam pela internet. Com toda a barafunda que se gerou, refere que, pelo menos num aspecto, as coisas melhoraram: é que agora os poucos clientes que lhe aparecem na livraria já não vêm só passear a mosca que lhes azucrina a alma. Se alguém atravessa aquela porta, vem com o firme intuito de comprar livros. Ainda me adiantou este livreiro que no outro dia, num dia em que não tinha aparecido ainda ninguém, passou lá um cliente que quis saber o que tinha do Machado de Assis. Fossem livros dele ou sobre ele. E que não foi só para consultar, para acabar enfeitando a maioria e levar, no fim, um ou dois. Mas não foi o caso; levou tudo. Apresentava-se, assim, um mistério. Ainda que Machado de Assis possa muito justamente ser tido como um dos mestres que melhor se pegou com esta língua, que

mais fez dela segundo as suas necessidades do seu génio “enlouquecidamente divagador” (Harold Bloom), e mesmo que se possa afirmar que todos os escritores que depois curtiram com os cascos da sua labuta este mesmo chão lhe devem alguma coisa, não deixa de ser raro que em alguma livraria deste mundo entre um leitor disposto a levar tudo o que possa haver do Machado de Assis. Ainda se passaram umas horas. Só no dia seguinte, liguei ao livreiro com uma hipótese de solução para a inusitada de tão digna ocorrência literária. É que na véspera, o génio, que não era de recusar de elogios, foi mandado chamar para um desses jantares fora de horas, e que são motivo para se acordar alguém de um sono profundo, até mesmo aos tabefes, para lhe anunciar que os brindes nessa noite serão feitos todos em sua honra.

É sabido que um escritor pode esbanjar graça, ser de uma tonitruante espirituosidade, ter uma gaiola imensa e deitar as gotas necessárias de vinho na garganta de pássaros de cores e tons exacerbados e capazes de causar uma inflamação na vista dos deuses, se o não fizer numa dessas línguas que se falam nos tectos do mundo, é como estar na cozinha em frente aos tachos numa “rabugens de pessimismo”. Esses pragas proferidas entredentes são tidas como um azedume que ajuda ao refogado, variando entre salsa, pimenta ou açafião, para puxar pela orelha o gosto a um prato que lá em cima se apreciará esteja ele mais ou menos picante. Assim, uma ventoinha posta a trabalhar no mundo das letras anglo-saxónico é a receita mais certa para estender um vendaval que reorganize as prioridades e as listas de leitura nas regiões periféricas e mesmo que diga respeito ao cânone dos indígenas.

A matreirice, o engenho saltam séculos e hemisférios, não apanham pó e, quando burilados acima de toda a decência, furtando-se a qualquer compromisso moral, não envelhecem. É mais ou menos assim que começa o texto do romancista norte-americano Dave Eggers, que puxou bem as brisas e soltou um vendaval, ajudando a fazer da nova tradução de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” um surpreendente fenómeno, tendo a edição com o selo da Penguin Classics esgotado em pouco mais de um dia. Publicado originalmente em 1881, a primeira edição em inglês só chegaria sete décadas mais tarde, nos anos 1950, com o título de “Epitaph of a Small Winner”, assinada por William Grossman. Assinada por Flora Thomson-DeVeaux, a tradução que surge agora é a quarta em inglês, e parece bem encaminhada para lançar, por fim, Machado de Assis para a estratosfera literária. Como notava Antonio Candido, “à glória nacional quase hipertrofiada de Machado de Assis, correspondeu uma desalentadora obscuridade internacional”. O titã da crítica literária brasileira explicou que a língua portuguesa permanece a menos influente das línguas do Ocidente, ainda que se use o argumento dos tantos milhões que a falam, Candido explica que os países onde é falada pouco peso têm hoje no plano político, e em 1900 esse peso ainda era menor. “Por isso ficaram marginais dois romancistas que nela escreveram e que são iguais aos maiores que então escreviam: Eça de Queirós, bem ajustado ao espírito do naturalismo; Machado de Assis, enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo

um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias ‘que todos podiam ler’.”

Sendo a quarta tradução do romance que é considerado a inequívoca obra-prima do bruxo do Cosme Velho, esta edição é a primeira a ser publicada com notas explicativas, usadas tanto para justificar as escolhas de tradução como para contextualizar historicamente o leitor anglófono dos nossos dias face ao Brasil da segunda metade de oitocentos. A edição conta ainda com aquele prefácio assinado por David Eggers, um autor que tem visto alguns dos seus romances – “O Círculo” ou “Um Holograma para o Rei” – adaptados ao cinema, e que se junta assim a nomes como Woody Allen, Susan Sontag, Harold Bloom ou Philip Roth, que confessaram a admiração por Machado de Assis. E, como notava Abel Barros Baptista, um dos grandes especialistas actuais naquela obra, estas referências há muito pediam uma transfusão de sangue novo, pois já cansavam pela repetição. “O ensaio de Susan Sontag tem 25 anos. Woody Allen disse uma frase, ou pouco mais. E Bloom estende-se, porque, depois do livro em que arrola Machado nos génios periféricos, foi muito solicitado por jornais brasileiros. Nem sempre diz coisas aproveitáveis, por vezes parece que nem se lembra dos livros”, sublinhava Barros Baptista, e isto foi já em 2008, numa breve entrevista em que fazia um balanço do ponto de situação em termos da divulgação e estudo desta obra. “Em todo o caso”, adiantava, “Machado é conhecido nos meios académicos americanos, é estudado em programas de português e de estudos comparados, e há algum movimento de traduções. Sucesso generalizado não tem decerto, e aliás, que autor morto o pode ter nas condições actuais”.

O texto de Eggers, publicado no site da revista *The New Yorker* na quarta-feira, parece claramente ter feito saltar o grão que tem emperrado a divulgação de Machado de Assis, e se o fez foi porque não esteve a calcular friamente a aposta, mas avançou com todas as fichas, e estas formam uma torre imponente se se considerar que se trata de um dos romancistas mais exaltados pela crítica e com maior sucesso entre os leitores. “Há muito esquecido pela maioria, é um dos mais espirituosos, mais festivos e, portanto, um dos livros mais vivos e intemporais já escritos”, diz Eggers. O escritor norte-americano agarra um tufo da crina do alazão para fazer o pincel e nos dar um contorno rasgado, galopante, da destreza formal do génio brasileiro. Fala de um livro que provoca uma alegria inabalável ao leitor, diz que trata de uma história de amor, mas em cascata, porque o amor ali abre o leque e, de tanto dar com ele, acaba por desfazê-lo, diz que é uma comédia que trepa e levanta a saia à lógica das classes, que reflecte sobre uma nação e uma época, e depois deita aquele olhar inteiro sobre a morte, a ponto de fazê-la corar, e que assim contempla a própria mortalidade, formulando uma indagação inebriante sobre a própria ideia da narração. Na verdade, no original, Eggers nem tem de se esforçar tanto, porque fala aproveitando-se da convicção de uma língua que se leva muitíssimo a sério, ao passo que nós, nesta língua, temos sempre de puxar um pouco mais pelo lustro, e até Machado de Assis, que toda a sua vida gozou de uma popularidade sem igual, mas só no seu país, precisou de morrer, e de estar bem morto para ouvir sobre a terra os elogios afrouxarem um pouco as rédeas, e, assim,

foi já depois do centenário, em 1939, como refere Antonio Candido, que ele se graduou: “Já não era mais o “ironista ameno”, o elegante burilador de sentenças, da convenção acadêmica; era o criador de um mundo paradoxal, o experimentador, o desolado cronista do absurdo.”

Quanto a esta nova tradução para o inglês, ocupou quatro anos da vida de Thomson-DeVeaux, sendo o resultado da sua tese de doutoramento pela Universidade de Brown, e Eggers, para quem a música da prosa de Machado é o segredo da receita, garante que o resultado é uma gloriosa dádiva para o mundo, porque tem aquela pressão íntima que ajuda a abrir numa explosão uma garrafa de champanhe, porque faz aquela espuma e brilho, porque têm um ânimo que canta, e diz-nos ainda que consegue captar o inimitável tom do autor com a impertinência do seu humor, ao mesmo tempo mordaz e melancólico, auto-depreciativo e romântico.

A seriedade e o empenho com que um selo norte-americano aposta na edição de um autor de outra língua é algo que não tem paralelo no nosso mercado onde a norma é as traduções e os autores de língua estrangeira provocarem aos nativos um certo ressaibo. Basta notar que, com exceção de uns poucos autores nacionais promovidos de forma insistente e despudorada, recorrendo às usais banalidades de base, e que constituem aquele lote dos que se deixam vender por atacado, e que não demoram senão uns segundos a fazer a mala e partir para um qualquer destino, em cascos de rolha ou um pouco ao lado, hoje, quase não se tem, no nosso país, uma ideia, mesmo que vaga, do que sejam as linhas com que se cose a narrativa portuguesa nestas duas décadas do século XXI. Pelo contrário, nos mercados anglófonos há uma resistência a obras traduzidas que é explicada pela tradição de altanaria anímica e cultural desses países. Thomson-DeVeaux referia à revista “Quatro cinco um”, que existe um percentil que se tornou famoso no mercado editorial norte-americano: 3%. “Este é o percentual de obras publicadas nos EUA que são traduções.” O crivo é, por isso, muito mais apertado. Mas a tradutora deixava uma nota esperançosa meses antes da sua tradução ser publicada, referindo que a cada novo ciclo de traduções o interesse por Machado de Assis parecia renovar-se, e, numa altura em que as discussões sobre discriminação racial subiram muitíssimo de tom, com o homicídio de mais um negro às mãos das forças policiais nos EUA, este é um momento particularmente propício a um esforço que tente fazer justiça a esses vultos de estatura internacional que foram relegados para a periferia do cânone da literatura universal. Mas se a chegada de “The Posthumous Memoirs of Brás Cubas” ao mercado norte-americano ganhou o embalo de um vento favorável, seguindo-se já ao lançamento, em 2018, da reunião dos contos em “The collected stories of Machado de Assis”, traduzidos por Margaret Jull Costa e Robin Patterson, como Benjamin Moser referiu então nas páginas da *The New Yorker* é improvável que o autor gostasse de se ver apresentado, mesmo que isso agora resulte a seu favor, como “o neto de escravos”, e isto numa sociedade que só quando ele tinha perto de 50 anos determinou a abolição da escravatura. Podia dizer-se que, em seu entender, a vantagem do tempo é que este opera como “um químico invisível, que dissolve, compõe, extrai e transforma todas as substâncias morais”. Mas o certo é que este filho de uma lavadeira açoriana e de um mulato, pintor de tectos de casas e igrejas, que além de gago terá sofrido episódios de epilepsia, não poucas vezes foi acusado de cobardia, de ter tentado igualar-se a outros, e fazer esquecer a nota a mais de café no seu leite, superando o complexo

racial, ao levar uma vida o mais discreta possível, para que lhe perdoassem também os dotes excessivos de lucidez e inteligência. De resto, esta manobra de camuflagem social, esta miragem que projectava de forma aparentemente inócua mas, afinal, desmistificadora e até corrosiva, é precisamente aquilo que Antonio Candido reconhece como os traços essenciais da sua obra: “A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar de seu arcaísmo de superfície.”

O crítico fala não só na normalidade exterior da vida de Machado de Assis, como recusa a ideia de que ele enfrentou grandes preconceitos na sua vida pública.

“Tipógrafo, jornalista, funcionário modesto, finalmente alto funcionário, a sua carreira foi plácida. A cor não parece ter sido motivo de desprestígio, e talvez só tenha servido de contratempo num momento brevemente superado, quando casou com uma senhora portuguesa.” Mas se, antes dos 60 anos, Machado de Assis era já visto como um patriarca das letras, e se foi a escolha óbvia para presidir à Academia Brasileira de Letras desde a sua fundação e tendo permanecido no posto até à sua morte, ao contrário do processo que se tem levado a cabo nos nossos dias para deitar ainda mais café no leite deste mulato, ao longo dos anos, e na vertigem necessária de dar cabo do pai – e aqui recordemos a máxima de León Chestov: “Obedece-se, na vida literária, ao costume dos naturais da Terra do Fogo: os jovens matam e comem os velhos.” –, as recolhas dos testemunhos de outros escritores sobre Machado de Assis revelam que, se nunca lhe faltaram admiradores, houve também outros génios que não o pouparam àquele tipo de críticas que se alojam como vermes, não já entre as carnes frias do cadáver, mas na substância etérea do fantasma. Jorge de Lima, o autor de o mais genial dos longos poemas escritos nesta língua no século passado, “A Invenção de Orfeu”, via nele “um homem esquivo e misantropo a seu jeito, incapaz de frequentar porões revolucionários em que se conspirasse contra o regime”. E, na comparação com outro grande escritor também mulato, Lima Barreto, era frequente Machado de Assis ficar por baixo, como acontece num artigo de Rachel de Queiroz: “Sendo justamente ambos mulatos, em ambos o complexo racial foi o fator preponderante de sua grandeza e de sua tragédia. Machado, mais egoísta, mais forte intimamente, de certa maneira mais implacável, conseguiu aparentemente vencer, superar o complexo [...]. Jamais tratou de criar o seu lugar ao sol como homem de cor que o era. Procurou conseguir, e realmente conseguiu fazer com que, em virtude dos seus méritos excepcionais, o Brasil inteiro lhe ignorasse a cor [...]. Já com Lima Barreto, o caso foi muito outro. Ele queria se impor como negro, como mulato; e não ‘apesar’ de mulato. Como figura humana, por isso mesmo se eleva muito acima de Machado de Assis”.

Outros exemplos, igualmente veementes nesta linha de acusação e que a revista “Quatro cinco um” levantou na recolha “Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares”, de Hélio de Seixas Guimarães e Ieda Lebensztayn, são o de Jorge Amado e João Guimarães Rosa. O primeiro tem uma opinião assassina, afirmando que “custou-lhe esforço para chegar a branco e a expoente das classes dominantes, mas tendo lá chegado não abriu mão de nada a que tinha direito”. Ao

passo que o segundo, deixa de lado as questões morais, e aponta a artificialidade que lhe impregnou a prosa: “Não pretendo mais lê-lo, por vários motivos: acho-o antipático de estilo, cheio de atitudes para ‘embasbacar o indígena’; lança mão de artifícios baratos, querendo forçar a nota da originalidade; anda sempre no mesmo trote pernóstico, o que torna tediosa a sua leitura. Há trechos bons, mas mesmo assim inferiores aos dos autores ingleses que lhe serviram de modelo”.

Mas aquele mesmo artigo da autoria de Mauricio Puls refere que o trabalho de recolha e estudo da actividade de cronista de Machado de Assis tem ajudado a lavar a imagem deste “medroso” homem de letras, “revelando – nas palavras de Joel Silveira – ‘um novo Machado, homem do seu tempo e do seu mundo, partícipe de controvérsias, jornalista de combate e cidadão de atitude clara em face dos mais importantes problemas do Brasil de sua época. Não se diga mais que ele foi indiferente ao abolicionismo e à República. Não o foi, prova a vasta documentação (artigos principalmente, por ele publicados) recolhida por Magalhães Júnior”.

Voltando ao prefácio de Dave Eggers, é só no final do texto que este dá uma imprevista e genial estocada na besta celerada da produção literária contemporânea, e, com isso, de forma imensamente astuciosa relança o vulto de Machado de Assis como presença inquietante que tem ainda muito a dizer ao futuro. Eggers refere que há uns anos foi convidado para integrar o júri de um prémio literário para escolher o romance do ano, e diz que, embora a tarefa se tenha revelado bastante gratificante, dos quatrocentos e tal romances americanos que o comité teve de apreciar, havendo entre eles obras “brilhantes”, só numa parca dúzia deles se encontravam os elementos que permitem falar num romance com piada, ou com esse engenho desassombrado que é capaz de se pôr a brincar com o leitor... “E apenas encontrei dois que podiam ser considerados de forma significativa romances experimentais.” Assim, e generalizando muito para lá desta experiência, Eggers nota como hoje, por qualquer razão estranha – “muito estranha mesmo” –, “vivemos em tempos de profundo tradicionalismo na literatura”, e este tipo de exasperante (e às vezes exasperado) conformismo arrisca-se a tornar-se o traço mais saliente das narrativas do nosso tempo, um sinal de formas de condicionamento que levam a que o arcaísmo de Machado de Assis nos surja como algo bruscamente moderno, resgatando mesmo as tendências de vanguarda que marcaram o século XX e que ele, em grande medida, renunciou.

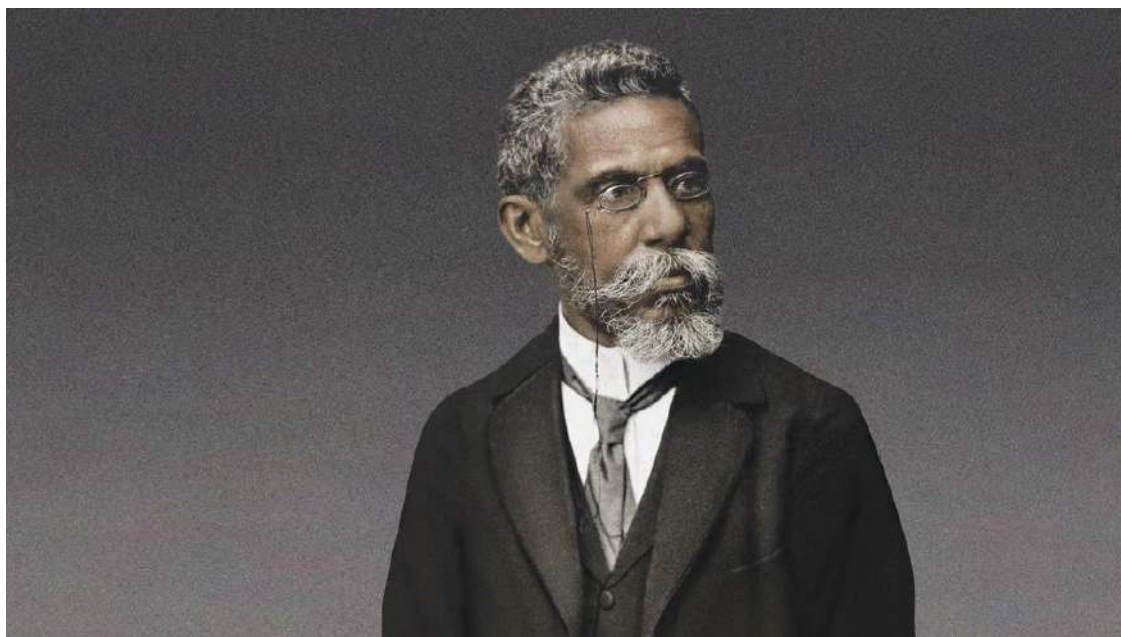
E vale a pena recordar como, na nota que dirige ao leitor, no começo das suas memórias póstumas, Brás Cuba reclama o exemplo de Stendhal, referindo-se ao pasmo e consternação que produziu o facto de este ter confessado que havia escrito um dos seus livros para que este chegasse a cem leitores. Ora, o defunto autor admite que o seu livro nem os cem leitores de Stendhal, mas apenas a metade disso possa ter. E, se calhar, vinte até seriam muitos, pois possivelmente nem dez mas só cinco leitores poderá ter. A primeira publicação do livro ocorreu “aos pedaços” na *Revista Brasileira*, e é de duvidar que Machado de Assis, até pelo favor que recolhia entre os seus pares desde a sua juventude, pudesse falhar tão espectacularmente. Mas o certo é que soube inventar esse engenho literário que é

escrito como uma anedota dividida em muitas partes, uma coisa que se conta na esquina, prendendo o ouvido a cinco de cada vez. Com a língua posta a arejar, com o vernáculo em malabarismo no trapézio, ele até pode contar sobretudo com o gozo que parece simples do fragmento, da nota elíptica, indo e voltando para intervir na narrativa com “bisbilhotice saborosa” (Antonio Candido, uma vez mais). Há um vigor enorme no modelo que ele propôs, uma fabulosa descongestão que nos atinge em cheio, trazendo alento face à bisonhice das letras. Assim, por um momento, este gago e epilético, puxa pela maior das ironias, coroa a banalidade, e, afinal, dá um tareão descomunal a todo esse bando de tagarelas investidos da seriedade dos seus grandes romances cheios de virtudes morais e tal. Às vezes têm de ser o palhaço a grande figura trágica, esse que recorda a dimensão reveladora de uma boa piada, esse que rasga um sorriso sobre a máscara de seriedade do nosso tempo, e que se serve de um tom caprichoso, estreitando as coisas, desferindo o seu golpe à queimadura, lembrando que tudo começa como uma brincadeira, mas que, “palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução”. E que há alguns até que dizem “que assim é que a natureza compôs as suas espécies”.

Glórias póstumas

Felipe Machado / ISTO É 12/06/20

Nova tradução para o inglês de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, clássico de Machado de Assis, coloca em evidência internacional o maior nome da literatura brasileira



BRUXO DO COSME VELHO Machado de Assis: estilo original de romance (Crédito: Divulgação)

Um escritor só se torna clássico quando seu nome vira adjetivo; um atributo tão específico que a essência do que ele descreve não pode ser explicado por outra palavra. Pressupõe uma marca tão reconhecidamente universal que passa a ser usada por nós, mortais, para designar um comportamento humano que a gente até sabia que existia, mas que não tinha, até então, criado uma palavra para explicar. É assim com “Kafkiano”, “Maquiavélico”, “Dantesco”. No Brasil, temos “Machadiano”. Reproduzir esse estilo em outro idioma sempre foi o grande desafio dos tradutores de Machado de Assis. Pela repercussão que a nova edição de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” está recebendo no exterior, podemos dizer que a tradutora Flora Thomson-DeVeaux está saindo vitoriosa.

A nova versão da obra mais icônica da literatura brasileira foi lançada no início de junho nos Estados Unidos pela Penguin Classics. Sua simples publicação por uma editora tão tradicional já imprimiria ao título um status de clássico. Não que “Memórias Póstumas” precisasse disso: nasceu



PENGUIN CLASSICS

MACHADO DE ASSIS

THE POSTHUMOUS MEMOIRS
OF BRÁS CUBAS

FOREWORD BY DAVE EGGERS

clássico desde que foi publicado em capítulos na Revista Brasileira, em 1880. Quando saiu pela primeira vez em livro, no ano seguinte, já era eterno.

A tradutora e ensaísta Flora Thomson-DeVeaux é americana, mas seu sotaque carioca é mais forte e perceptível que o estrangeiro. É formada em espanhol e português pela Universidade de Princeton e tem doutorado em estudos portugueses e brasileiros pela Brown. A tradução fez parte da sua tese de doutorado, que inclui ainda um extenso estudo crítico sobre Machado. Flora começou a aprender português quase por acaso, em 2009, apenas para acrescentar um idioma à grade curricular em Princeton. Como já falava espanhol, achou que seria fácil se incluísse outra língua latina. “Foi mais difícil do que eu esperava”, lembra, mas seguiu em frente.

“Esquecido há tempos por muita gente, ‘Memórias Póstumas’ é um dos livros mais espirituosos, mais divertidos e, por isso, mais vivos e eternos já escritos” Dave Eggers, escritor americano e autor do prefácio da nova edição em inglês (Crédito:Divulgação)

Estilo ‘machadiano’

Flora credits sua vocação para as línguas à herança musical: a mãe é pianista, a avó era professora de música. O pai é musicólogo; o avô, professor de música medieval. Durante o curso de português foi convidada para traduzir uma biografia de Carmen Miranda. O livro não saiu, mas ela se apaixonou pelo Brasil. Em 2011, veio fazer um intercâmbio de seis meses e, assim que colocou os pés em solo carioca, se apaixonou pela terra que só conhecia pelas palavras. As paisagens que habitavam seus sonhos se materializaram diante de seus olhos, sensação que o clichê nos obriga a descrever como “amor à primeira vista”.

Voltou para os EUA, onde traduziu “Machado de Assis: Por uma Poética de Emulação”, premiado livro de João Cezar de Castro Rocha, professor de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ao se deparar com trechos citados pelo acadêmico e compará-los com as versões americanas, percebeu que as traduções eram corretas, mas não reproduziam o estilo “Machadiano” do original, ou seja, a ironia discreta e cortante, as diversas camadas de complexidade escondidas nos detalhes da narrativa. Passou a traduzir os trechos por conta própria.



“Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico com saudosa lembrança essas memórias póstumas”

O resultado, “Machado de Assis: Toward a Poetics of Emulation” (Por uma Poética da Emulação), foi publicado pela editora da Michigan University em 2015. Quando leu “Memórias Póstumas” pela primeira vez, ficou impressionada com o tom sarcástico e divertido do texto e decidiu que ele seria o objeto de sua tese de doutorado. Cinco anos depois, sua tradução foi publicada pela Penguin Classics e tem recebido uma atenção surpreendente: em menos de 15 dias, as duas primeiras tiragens se esgotaram e o livro já está indo para a terceira edição – a editora não divulga os números de cada edição. “Por mais que eu soubesse que o livro é excelente, não esperava esse sucesso”, afirma a tradutora. “Está indo tudo muito rápido.”

Essa é a quarta tradução do livro de Machado de Assis para o inglês. A primeira saiu em 1952, quando William Grossman lançou *Epitaph of a Small Winner* (Epitáfio de um Pequeno Vencedor). Pouco depois, em 1955, o inglês Percy Ellis lançou outra versão, *Posthumous Reminiscences of Braz Cubas*. A terceira tradução foi feita em 1997 por Gregory Rabassa, renomado tradutor de literatura latino-americana. Ele é o responsável, por exemplo, pela primeira e única tradução de “Cem Anos de Solidão”, de Gabriel García Márquez, para o inglês, e costuma ser creditado como um dos responsáveis pelo sucesso da obra no mercado internacional.

Segundo João Cezar Castro Rocha, as traduções anteriores de “Memórias Póstumas” não haviam sido bem sucedidas na tarefa de manter a complexidade do texto original. “Há uma simplicidade enganosa no estilo de Machado. Seu texto é uma explosão de ambiguidades e exige um tradutor que entenda muito bem não apenas o idioma, mas as camadas de ideias presentes ali”, afirma o professor. “A tradução de Flora é uma façanha porque em vez de aplainar o texto, ela explicou suas opções idiomáticas em notas e no estudo crítico que acompanha a nova versão”, afirma Castro Rocha. “Quando se traduz Flaubert ou Goethe para o inglês, tanto o tradutor quanto o leitor estão preparados para dedicar um esforço suplementar, que é recompensado pela qualidade superior da obra. Se o leitor aceita penetrar na prosa labiríntica de Marcel Proust, ele também pode investir para compreender Machado de Assis.”

Mercado global

Apesar de já ter sido elogiado por nomes como Philip Roth, Susan Sontag, Allen Ginsberg, John Updike e Salman Rushdie, entre outros, Machado nunca foi um best-seller no mercado internacional, como aconteceu com outros escritores latino-americanos como García Márquez e Vargas Llosa. “Esse boom da literatura latino-americana que começou em 1967 com “Cem Anos de Solidão” não foi impulsionado por um único nome, mas por toda uma geração: principalmente García Márquez e Vargas Llosa, mas também Ernesto Sábato, Juan Rulfo, Julio Cortázar, Adolfo Bioy Casares. Além disso, havia um interesse global pela situação em Cuba, o mundo tentava compreender o que pensava a América Latina. Não há nada similar no momento, Machado chega ao mercado internacional sozinho.”

Mídia essencial

O escritor Silviano Santiago, autor de “Machado”, obra em que recria os últimos anos da vida de Machado de Assis, acredita que há duas fases da literatura brasileira nos Estados Unidos. A primeira, nos anos 1950, teve foco acadêmico e foi inspirada por ensaios do escritor John Barth e as primeiras traduções de “Memórias Póstumas”, por Grossman, e “Dom Casmurro”, pela crítica Helen Caldwell. A americana foi além, publicando um estudo que se tornou famoso entre os intelectuais pela analogia entre os personagens de Machado e a trama de “Otelo”, de Shakespeare. A segunda fase, segundo Santiago, é mais midiática e teve início com “Clarice”, biografia do americano Benjamin Moser sobre a escritora Clarice Lispector, lançada nos EUA em 2009. O livro ganhou destaque e entrou para a lista de melhores lançamentos do ano do jornal “The New York Times”. Em 2020, além de “Memórias Póstumas”, a literatura brasileira chama a atenção da mídia graças à nova tradução de “São Bernardo”, de Graciliano Ramos, feita pela professora Padma Viswanathan.

“Se a primeira fase foi a do conhecimento, agora temos a fase da divulgação”, afirma Santiago, que teve uma respeitável carreira acadêmica nos Estados Unidos como professor visitante em universidades como Stanford, Princeton e Yale. “A cobertura da imprensa é fundamental. A nova tradução de “Memórias Póstumas” recebeu grande destaque na New Yorker, o que é um fator importante para tornar o autor conhecido do grande público”, afirma Santiago. Ele se refere ao prefácio do livro escrito pelo autor americano Dave Eggers — autor de “O Círculo”, entre outros — e publicado na prestigiada revista americana. Santiago, que também é tradutor, aponta o que é necessário para uma versão de Machado ser bem sucedida. “É preciso encontrar uma voz, um estilo literário que consiga reproduzir a singularidade da narrativa em inglês. Como a apresentação de Dave Eggers ressalta o humor e a ironia do livro, é provável que a tradução tenha sido bem sucedida na representação do estilo “machadiano”. A nova edição em inglês vai garantir que, ao contrário de Brás Cubas, Machado de Assis poderá transmitir a milhares de criaturas o legado de sua riqueza. Dessa vez, no mundo inteiro.

“Na primeira vez que li Machado, fiquei chocada”



Insatisfeita com as versões existentes, a tradutora Flora Thomson-DeVeaux recorreu a dicionários do século 19 para recriar o estilo “Machadiano” em inglês

Como você conheceu a obra de Machado de Assis?

Eu estava estudando português em Princeton quando me disseram que eu só iria entender o Brasil depois de ler ‘Memórias Póstumas’. Comprei uma edição no dia seguinte. Já nas primeiras páginas, tive que abaixar o livro e tomar fôlego. Não esperava algo tão divertido e sarcástico. Mesmo tendo uma familiaridade com a literatura do século 19, fiquei chocada.

O que te chocou tanto?

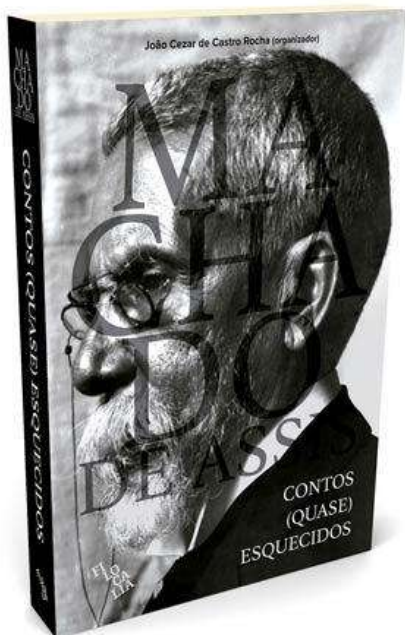
As sacadas do texto são muito impactantes. Tive que voltar a ele várias vezes antes de traduzi-lo. Na primeira leitura, achei Brás Cubas muito espirituoso, engraçado. Depois fui mergulhando na aspereza, na crueldade que, para mim, é o lastro do livro. Aquele olhar da sociedade, a visão da elite carioca. Ao longo do processo de tradução, fui do riso às lágrimas. Uma risada dolorida.

O livro já tinha três traduções para o inglês. Por que fazer uma quarta?

Comecei a comparar os trechos em português e em inglês e vi que as traduções anteriores não estavam erradas, mas alguns detalhes simplesmente não casavam. Isso me chamou a atenção e me motivou a encarar o desafio. Decidi que não queria traduzir apenas alguns trechos, mas o livro todo.

E por que “Memórias Póstumas”, entre a vasta obra de Machado de Assis?

Eu sabia que seria um grande desafio, mas confesso que a escolha teve um lado afetivo. Me apaixonei pelo livro. Sabia que o processo seria longo e mereceria anos de pesquisa e reflexão. Do mergulho na crítica ‘Machadiana’ ao término do processo de tradução foram cinco anos, de 2014 a 2019.



Como foi o contato para a publicação do livro?

Como eu já trabalhava com traduções, comecei a bater de porta em porta assim que a tese ficou pronta. Fiquei surpresa porque a Penguin Classics topou rapidamente. Os editores acreditaram no projeto.

Contos que a realidade não deixa esquecer

Organizado pelo professor João Cezar de Castro Rocha, a antologia “Contos (Quase) Esquecidos de Machado de Assis” reúne numa bela edição da Filocalia raridades e textos que não estão nas coletâneas populares. São quatro eixos temáticos: Música e Literatura; Política e Escravidão; Desrazão; Filosofia. Como são apresentados em ordem cronológica, é possível acompanhar a evolução do estilo “Machadiano” e de suas opiniões sobre determinados temas. Destaque para “Mariana”, sobre uma escrava apaixonada pelo seu senhor que se

suicida ao perceber que o relacionamento não seria aceito pela sociedade. Um conto corajoso que expressava em 1871 uma realidade tão atual que é impossível esquecer.



REDESCOBERTA Castro Rocha: “O texto de Machado é tão atual que poderia ter sido escrito ontem”